



Universidade de Brasília – UnB
Universidade Aberta do Brasil – UAB
Faculdade de Educação - FE



Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
III Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania,
com ênfase na Educação de Jovens e Adultos / 2014-2015

SILVANA MARIA MATTIA DICKEL

**O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O PÚBLICO DA EJA:
NOVAS FORMAS DE ENSINAR E APRENDER**

**BRASÍLIA/DF
NOV/2015**



Universidade de Brasília – UnB
Universidade Aberta do Brasil – UAB
Faculdade de Educação - FE



Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
III Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania,
com ênfase na Educação de Jovens e Adultos / 2014-2015

O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O PÚBLICO DA EJA: NOVAS FORMAS DE ENSINAR E A PRENDER

SILVANA MARIA MATTIA DICKEL

PROFESSOR ORIENTADOR: EDEMIR JOSE PULITA

TUTORA ORIENTADORA: INDIRA VANESSA PEREIRA REHEM

PROJETO DE INTERVENÇÃO

BRASÍLIA, DF, novembro/2015



Universidade de Brasília – UnB
Universidade Aberta do Brasil – UAB
Faculdade de Educação - FE



Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
III Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania,
com ênfase na Educação de Jovens e Adultos / 2014-2015

SILVANA MARIA MATTIA DICKEL

**O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O PÚBLICO DA EJA:
NOVAS FORMAS DE ENSINAR E APRENDER**

Trabalho de conclusão do III Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos, 2014/2015, como parte dos requisitos necessários para obtenção de grau de Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

EDEMIR JOSE PULITA
Professor Orientador

INDIRA VANESSA PEREIRA REHEM
Tutor Orientador

Avaliador Externo

BRASÍLIA, DF, novembro/2015

Ao meu pai Raul Mattia (in memoriam), à minha mãe Elsa Maria Santin Mattia e minha tia Eleda Santin, Liamara e Mônica, que mesmo distantes, estão sempre presentes (via skype) orando e torcendo para que tudo dê certo.

BRASÍLIA, DF, novembro/2015

AGRADECIMENTO

A Deus, por ter me dado coragem de seguir em frente.

Ao meu Orientador Edemir Jose Pulita, pela atenção, respeito e colaboração.

Aos meus tutores Indira Vanessa Pereira Rehem e Cláudio Amorim dos Santos,
por me acompanharem neste ano de trabalho acadêmico intenso.

Às minhas filhas, Roberta, Fabíola e Giulia, por compartilharem
momentos de angústia e de felicidade.

Inclusão digital não é simplesmente ter uma tecnologia, mas sim ser capaz de pensar, de usá-la criativamente e de maneira produtiva, a serviço dos demais, na construção de uma sociedade justa.
Andrea Cecília Ramal

RESUMO

Este Projeto de Intervenção Local – PIL tem por objetivo analisar a integração das tecnologias de informação e comunicação nas aulas de Língua Portuguesa na EJA como potencializadoras de novas formas de ensinar e aprender. O público ao qual se destina são os alunos do Centro de Ensino Fundamental 1 do Paranoá. Esta escola dispõe de espaços privilegiados para que se façam intervenções por meio de projetos diferenciados. A comunidade é formada por adolescentes, jovens e adultos, em sua maioria com renda média abaixo das outras cidades do Distrito Federal. Outra característica apresentada por este grupo de alunos é que todos eles possuem um aparelho celular para se comunicar, o que os torna alvo de uma intervenção relacionada às tecnologias educacionais, já que de alguma forma possuem acesso à grande rede de informação tecnológica, mas não fazem uso pedagógico da mesma. Entre os problemas observados destacam-se a desmotivação, a baixa aprendizagem, a repetência e a evasão escolar. Nesta situação, optou-se pelo uso de tecnologias de informação e comunicação para desenvolver o interesse dos alunos nas aulas e assim reduzir os baixos índices avaliativos. Para a execução do PIL, inicialmente foi apresentada a proposta aos alunos para que opinassem sobre o uso de tecnologias em sala de aula. O segundo passo foi apresentar o projeto para a direção e coordenação que aceitou colaborar com o que fosse necessário. Vencidas estas etapas, foram definidas as datas de início e desenvolvimento das atividades. Como culminância do Projeto, haverá a apresentação das Memórias Literárias, com o tema “Meu Amigo Inesquecível”, no formato de livro, que será apresentado na escola com a presença dos parceiros e familiares dos alunos.

Palavras-chave: Tecnologias de Informação e Comunicação, Língua Portuguesa, EJA.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEF 1	Centro de Ensino Fundamental 1
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNE/CEB	Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Básica
CODEPLAN	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
CONFINTEA	Conferência Internacional de Educação de Adultos
EaD	Educação a Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional de Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDB/96	Lei de Diretrizes e Base de 1996
NTE	Núcleo de Tecnologia
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIL	Projeto de Intervenção Local
PPP Carlos Mota	Projeto Político Pedagógico Carlos Mota
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
SUMTEC	Subsecretaria de Modernização e Tecnologia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE TABELAS E IMAGENS

Tabela 1	Alunos da 8ª Etapa A, B, C	12
Tabela 2	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios, PARANOÁ - PDAD 2015, p. 44.....	13
Imagem 1	Alunos do CEF 1 do Paranoá da EJA	14
Imagens 2, 3, 4, 5	Cento de Ensino Fundamental I do Paranoá	16
Imagem 6	Redescobrimo a EJA.....	20
Imagem 7	Novas Tecnologias nas escolas.....	22
Imagem 8	Quadro e giz ou novas tecnologias?	23
Imagem 9	“Nóis vai” hoje pai?	26
Imagem 10	Prova de novo?	28
Imagem 12	Imagens sobre amizade - 1 a 6.....	56

SUMÁRIO

1	DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE.....	10
2	DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO.....	10
2.1	TÍTULO	10
2.2	ÁREA DE ABRANGÊNCIA	10
2.3	INSTITUIÇÃO.....	11
2.4	PÚBLICO AO QUAL SE DESTINA	11
2.5	PERÍODO DE EXECUÇÃO	14
3	AMBIENTE INSTITUCIONAL	15
4	JUSTIFICATIVA E CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA	17
4.1	A EJA E SUA DIVERSIDADE	17
4.2	LEIS QUE AMPARAM A MODALIDADE EJA	18
4.3	TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	21
4.4	O MUNDO DIGITAL E OS GÊNEROS TEXTUAIS	24
4.5	A EJA TRABALHADORA	24
4.6	PRECONCEITO LINGUÍSTICO E OS ALUNOS DA EJA	25
4.7	GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS	28
5	OBJETIVOS	27
5.1	OBJETIVOS GERAIS	27
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	27
6	ATIVIDADES E DESENVOLVIMENTO.....	29
6.1	PROPOSTAS E PLANO DE AULA	29
6.2	DESENVOLVIMENTO	31
7	CRONOGRAMA/REFLEXÕES E PERSPECTIVAS	31
8	ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO.....	36
9	PARCEIROS	36
10	ORÇAMENTO	37
11	REFLEXÕES E PERSPECTIVAS.....	37
12	REFERÊNCIAS	40
13	ANEXOS E APÊNDICES.....	43

1- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE:

Meu nome é SILVANA MARIA MATTIA DICKEL, sou professora de Língua Portuguesa há 12 anos, tenho experiência na EJA desde 2010, ininterruptamente. Participo do III Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos - 2014/2015, na Turma 6 e tive como tutores o Professor Cláudio e a Professora Indira. Meu telefone para contato é (61) 33260868 e meu endereço eletrônico é silvanadickel@yahoo.com.br.

2- Dados de identificação do Projeto:

2.1 - Título:

O uso das tecnologias de informação e comunicação nas aulas de Língua Portuguesa para o público da EJA: novas formas de ensinar e aprender.

2.2 - Área de abrangência:

Distrital

2.3 - Instituição:

Centro de Ensino Fundamental 1 do Paranoá

Nome/ Endereço

Quadra 03 - Área Especial 06 - Paranoá, Brasília – DF,
CEP 71570-030, Fone: (61) 3901-7562

Instância institucional de decisão:

- Governo do Distrito Federal
- Secretaria de Educação do Distrito Federal
- Conselho de Educação do Distrito Federal
- Fórum de Educação do Distrito Federal
- Escola: Conselho Escolar

2.4 - Público ao qual se destina:

Sempre que se pensa em escola e educação, os principais atores devem ser os alunos. Atender às suas expectativas e ajudá-los a compreender que não são seres passivos, mas pessoas participativas em um processo é a melhor maneira de a escola manter cada aluno envolvido em seu próprio aprendizado. Por isso, com o apoio de professores colaboradores, da direção e dos servidores da escola, os 115 alunos da oitava etapa das turmas A, B, e C, serão o alvo principal deste projeto. As turmas são formadas por três quartos de adolescentes e jovens, e menos um quarto é de adultos, conforme dados que seguem:

Alunos da 8ª etapa das turmas: A, B, C.

Idade	Porcentagem
Entre 15 e 17 anos	55%
Entre 18 e 24 anos	36%
Acima de 25 anos	19%
Total	100%

Tabela 1. Dados da secretaria do CEF I do Paranoá, 2º semestre de 2015.

Nestes dados, observa-se que o número de adultos é bem inferior ao número de adolescentes e jovens e, em sala de aula, constata-se (pesquisa pessoal) que estes adultos que retornaram às escolas depois de mais de dez anos afastados, possuem uma ânsia muito forte de reencontrar as suas “antigas” salas de aula, o que os faz pensar que quadro e giz são o que irá fazê-los aprender, memorizar e decorar conteúdo. Não imaginam que na maioria dos casos, o que os afastou das salas de aula foi exatamente a forma como eram planejadas as aulas e as fatídicas avaliações que, ao invés de contribuir para o desenvolvimento dos alunos, o que faziam era classificá-los e excluí-los.

De acordo com SAN'TANNA (1997, p. 31), a avaliação deve ser processual, acontecer durante o aprendizado, e nela se tenta ¹“identificar” as mudanças de comportamento do aluno, do professor, da escola, analisando se realmente ocorreu o aprendizado, “seja ele teórico ou prático.

Os adolescentes e jovens esperam encontrar algo que os surpreenda, diferente do quadro/giz, e é dessa busca do inesperado que o professor deverá se aproveitar e envolver todos os alunos, inclusive e especialmente os adultos para que descubram novas possibilidades de aprendizado, entre eles o “letramento digital”.

É importante frisar que todos estes alunos, independentemente da idade, estão inseridos em um mesmo contexto social, pois a cidade, segundo dados da Companhia de Desenvolvimento e Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN, possui a quarta menor renda per capita entre das onze regiões avaliadas no Distrito Federal. Portanto, estamos falando de uma comunidade de baixa renda e pouca escolaridade.

Consta também nestes dados que houve uma melhora de 34% na renda per capita em relação a 2011. Pode-se inferir que os moradores do Paranoá estão trabalhando mais e devem estar sentindo a necessidade de se atualizar e por isso estão voltando para as salas de aula.

Constata-se ainda que, mesmo que esta comunidade seja considerada de baixa renda e baixa escolaridade, em sala de aula 100% dos alunos possuem telefones modernos, com acesso à internet, todavia, só os mais jovens conseguem manipular e explorar todo o potencial oferecido pelos “Iphones”. Mais uma vez, dados da CODEPLAN confirmam o que é observado em sala de aula:

**Percentual de residências com acesso a
Equipamentos tecnológicos e de comunicação**

	Tecnologias nos domicílios	Porcentagem
1	Domicílios que possuem internet	52,16%
2	TV por assinatura	38,10%,
3	Assinatura de revistas	43,07%,
4	Telefone na modalidade fixo	46,97%
5	Telefone celular pós-pago	10,82%
6	Celular pré-pago	89,18%
7	Notebook /netbook	32,04%
8	Microcomputador	38,10%,
9	Tablet/lpad	8,44%

Tabela 2: Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios, PARANOÁ - PDAD 2015, p. 44, CODEPLAN, 2015. Tabela 8 Tabela 8.2.
Disponível em :< <http://informatudodf.com.br/4922/pesquisa-mostra-que-paranoa-tem-infraestrutura-completa.html>>

Diante da confirmação do acesso a aparelhos de telefone celular, outro fato importante é o uso indiscriminado em sala de aula, o que tem causado muitos conflitos entre professores e alunos. Para que os aparelhos não sejam subutilizados, pensar em usá-los de forma pedagógica é algo que poderá dar aos alunos a oportunidade de perceber que o seu uso vai além, pois poderão utilizar para pesquisa, gravações de áudios e vídeos, uso de WhatsApp, e-mail, mensagens, e os computadores, para pesquisa, digitação de material, entre outros. Portanto, os usos das tecnologias são muito úteis nas atividades escolares, e ainda poderá diminuir o uso para fins pessoais e recreativos nos horários de aula utilizando diversos tipos de linguagens como a oral, escrita e a imagem, teremos então um “letramento digital”.



Imagem 1: Alunos do CEF 1 do Paranoá da EJA.
Foto de arquivo pessoal, sala de múltiplas-funções, 2015.

Após ressaltar as possibilidades oferecidas pelos aparelhos de telefones celulares com acesso à grande rede, conclui-se que estes alunos devem ser alvo de novos projetos de intervenção para que percebam que não é só a memorização de conteúdo que os faz bons alunos, mas que podem aprender e se desenvolver nesse novo contexto social e de trabalho percebendo que as novas tecnologias poderão auxiliá-los a desenvolver habilidades e competências, logo, melhorar o dia-a-dia e a empregabilidade, pois já na metade do século passado Paulo Freire (1959, p.128) criticava a “posição ingênua” em que todos se colocavam, e afirmava que a “(...) a máquina é apenas uma peça entre outras da civilização tecnológica em que vivemos.”, pois se o homem não estiver habilitado para manusear a máquina não vai conseguir extrair dela o máximo que ela poderá oferecer. Dizia que o que mais desejava era fazer uma escola totalmente diferente, e que dela deveria surgir uma “uma escola tão atual quanto à tecnologia” (FREIRE & PAPERT, 1996), e ainda mais: “não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes” (FREIRE, 1997, p.34).

2.5 - Período de execução:

O Projeto de Intervenção Local - PIL destina-se aos alunos da oitava etapa das turmas A, B e C, com a participação de 115 alunos, do Centro de Ensino Fundamental 1 do Paranoá, e será desenvolvido no segundo semestre de 2015, com **início em agosto de 2015 e término em novembro de 2015**. O projeto, por ser muito envolvente, pois fala da vida acadêmica de cada aluno, apresenta grandes possibilidades de ter continuidade nos próximos semestres, após as adaptações, conforme avaliação que ocorrerá ao final do projeto, junto aos outros professores, direção e coordenação da escola.

3- Ambiente institucional:

O Centro de Ensino Fundamental 1 do Paranoá (CEF 1) localiza-se a 18 quilômetros de Brasília e foi construído em 1988. Durante muitos anos funcionou precariamente, sendo conhecida como “Cajinho” ou “Papudinha”, devido ao alto índice de violência que existia na escola, com muito tráfico de drogas e brigas entre “gangs”. “O que existia era a falta da sensação de pertencimento àquele espaço e baixa autoestima”, conforme explica o atual diretor da escola professor João, que atualmente trabalha estes aspectos no Projeto Político da escola.

Com o crescimento da cidade, não havia mais condições de atender a todos que buscavam vagas na cidade, por isso a escola foi demolida e reconstruída e, em 2005, mesmo inacabado, foi entregue à população. Sua estrutura atual conta com salas de informática, bibliotecas, sala de múltiplas funções, ampla área externa, quadra de esporte coberta, enfim, um ambiente colorido e agradável para alunos e professores. Suas atividades ocorrem nos três turnos, sendo no diurno para o Ensino Fundamental I e II e à noite para a Educação de Jovens e Adultos – EJA - atendendo o primeiro e segundo segmentos.

Dentre os projetos realizados, no turno diurno, destaca-se o de oficinas temáticas: realizado semanalmente, cujas temáticas aborda interesses dos alunos em contextos extracurriculares, com temas de influência em diferentes áreas como saúde, trabalho, lazer entre outros

No turno noturno, para a EJA, o principal projeto é a “Semana do Saber” (Semana da EJA), momento em que cada turma se prepara uma atividade, com a orientação de professores, para apresentar para as outras turmas. O projeto tem por objetivo diminuir a evasão escolar e proporcionar ao aluno o “prazer da descoberta pelo conhecimento; integração da comunidade escolar; desenvolvimento de habilidades e competências; aprender a buscar informações; fomentar a criatividade; apresentar ferramentas diferentes para aprender e ensinar; explorar saberes existentes em sala de aula”, conforme projeto da escola.

Em relação à comunidade local, residem na cidade mais de 48 mil habitantes e dados da CODEPLAN informam que 40,6% dos moradores não concluíram o ensino fundamental e 70% de toda a população não estuda, (<http://www.bsbcapital.com.br/codeplan-divulgados-atualizados-do-paranoa/>).

Com o aumento da população nas cidades próximas e os novos condomínios residenciais, aumentou ainda mais a demanda nas escolas públicas, o que tem forçado o governo do Distrito Federal a realocar os alunos do turno diurno para o noturno. Para dar conta da demanda o Estado tem aproveitado todas as salas de aula disponíveis para que todos os que procuram escolas encontrem vagas e, no caso do período noturno, está sendo

oferecida a Educação de Jovens e Adultos - EJA, para os que não tiveram acesso ao ensino na idade certa, ou aos alunos maiores de quinze anos que não encontram vaga no período diurno. Por isso há um aumento significativo de adolescentes no ensino noturno e problemas disciplinares e de aprendizagem se tornaram mais complexos.

Centro de Ensino Fundamental 1 do Paranoá



Imagem 2. Área externa. Disponível em: <integraldf.blogspot.com.br>. Acesso em 9/10/2015.



Imagem 3. Sala de múltiplas-funções. Disponível em: <integraldf.blogspot.com. BR>. Acesso em 9/10/2015.



Imagem 4. Quadra de esportes. Disponível em: <integraldf.blogspot.com.br> Acesso em 9/10/2015.



Imagem 5. Foto da cidade do Paranoá. Disponível em: <integraldf.blogspot.com.br>. Foto: Augusto Areal. Acesso em 9/10/2015.

A escola está diante de uma comunidade que anseia pelo saber e, percebendo as transformações que a sociedade vem sofrendo, não se pode negar ao aluno as novas possibilidades de aprendizado. As tecnologias estão presentes no cotidiano de da grande maioria desta comunidade e o uso de novos equipamentos pode ser considerado mais um

incentivo para que os alunos do CEF 1 se envolvam mais no aprendizado e com isso adquiram **novos saberes, motivação, e a diminuição da repetência e evasão** devem ser o resultado final da intervenção, além disso, esta proposta será apresentada à Coordenação, Direção e demais professores que atuam com jovens e adultos do Centro para compartilhar a experiência, receber feedback e estimular projetos semelhantes.

4 - Justificativa e caracterização do problema:

4.1 - EJA e sua Diversidade

Encontramos na EJA, uma grande diversidade dentro de um espaço não maior que 50 metros quadrados. A heterogeneidade está tanto nas vivências escolares como no mundo do trabalho e também nas diferentes gerações que ocupam os mesmos espaços, as mesmas salas de aula, raças, credos, idade, alguns plenamente alfabetizados, muitos com imensos vazios na aprendizagem e até os chamados “sem-língua”. Mas quem são estes “sem-língua”? São assim chamadas as pessoas, especialmente os adultos, que apresentam dificuldade no vocabulário, e isso os impede de expressar-se plenamente, seus pensamentos, seus sentimentos não são verbalizados de forma clara e completa. Ler e escrever não faz parte da vida deles, e isto os deixa à margem da cidadania. Este é o público que vem em busca de novas oportunidades para melhorar a própria vida, e, para nós professores, grandes desafios são colocados diariamente no desenvolvimento pedagógico desses grupos tão díspares. Para tratar destes desafios, vou discorrer sobre alguns questionamentos relacionados à Educação de Jovens e Adultos e as leis que amparam esta modalidade de ensino, à língua portuguesa e à utilização das novas tecnologias, à diversidade e o preconceito linguístico e por fim conceito do gênero memórias literárias.

Conforme a Carta Magna, cidadão é o indivíduo a quem lhe são concedidos direitos e garantias, podendo ele exercer de forma individual ou coletiva, na política, na economia e na cultura, envolvendo também “deveres de respeito à dignidade do outro e de contribuir para a dignidade do outro” (Constituição Federal, 1988).

É importante frisar que todos têm direito à cidadania, independentemente de sua escolarização, mesmo o analfabeto, a quem lhe foi tirado o direito de frequentar a escola e assim não ter tido acesso ao saber sistematizado, o qual dá condições ao cidadão de exercer a sua cidadania de forma mais ampla e plena, defendendo e reivindicando seus direitos como saúde, educação, moradia, participação política, entre outros.

A educação escolar, essencial à formação integral do ser humano, também é motivo de luta dos cidadãos, pois é na educação que se apreende os direitos e deveres de uma sociedade democrática, a essa cidadania é dado o nome de cidadania ativa, que tem como objetivo ir em busca de seus direitos e cumprimento de seus deveres. Teremos assim a garantia da dignidade humana.

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, disponível no Portal R7 (<http://noticias.r7.com/economia/taxa-de-desemprego-avanca-a-67-em-maior-nivel-em-quase-cinco-anos-diz-ibge-25062015>), a taxa de desemprego está em 8,4%, dados de 25 de agosto de 2015, o mais alto desde 2012. Isto significa 8,4 milhões de pessoas fora do mercado de trabalho, e mesmo tendo sido a construção civil e a agricultura os que mais demitiram, locais de trabalho onde existe a crença que não há necessidade de formação profissional, os dados mostram que existe um imenso grupo de pessoas que precisam melhorar sua qualificação para competir no mercado de trabalho. Se antes, 2013, havia uma imensa dificuldade de recrutar pessoal com mão de obra qualificada, mesmo os profissionais da agricultura e pecuária que agora têm acesso à equipamentos de última geração é exigido qualificação profissional, em 2015 não há como afirmar que o quadro mudou, pessoas mais preparadas terão acesso aos melhores postos de trabalho. (IBGE, 2015)

Nos dados apresentados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB de 2013, (<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=208976>), existe uma imensa defasagem na aprendizagem e, caso não haja uma ampla reforma na educação, os índices continuarão muito aquém das médias almejadas. Além de uma formação escolar consistente, o indivíduo deve continuar se aprimorando, qualificando-se para assumir as vagas disponíveis. Portanto, o cérebro precisa se exercitar, as pessoas precisam buscar novos conhecimentos, aprender outros idiomas, ler mais, pois ler é descobrir novos horizontes, conhecer novas culturas, formar novas opiniões, saber debater sobre qualquer assunto, agrega conhecimento e aumenta a sabedoria. É na leitura, na busca de novos conhecimentos que preenchemos as lacunas deixadas durante a nossa formação e nos tornamos mais plenos, com mais condições de enfrentar os problemas da vida.

4.2 - Leis que amparam a Modalidade EJA

O Art. 208 da Constituição Federal diz que (*) “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria”, o que obriga o Estado a disponibilizar salas de aula com cursos de EJA para as pessoas que se encontram fora da faixa série/idade. (BRASIL, 1988)

Na Lei de Diretrizes de Base de 1996 - LDB/96, em seu artigo 37 - (<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>), consta que a EJA será destinada aos que não tiveram acesso ou não conseguiram dar continuidade aos seus estudos na idade certa e deverá ser ofertada no Ensino Fundamental e Médio, conforme características do alunado, conforme seus interesses e condições de vida e de trabalho, e ainda visará à erradicação do analfabetismo, a sua universalização e melhoria da qualidade de ensino, formação para o trabalho e a promoção humanística, científica e tecnológica.

Encontramos também no Projeto Político Pedagógico Carlos Mota, (DISTRITO FEDERAL, 2014, p.83-86), Caderno sete, (<http://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/06/ppp-professor-carlos-mota.pdf>, p. 83-86), nas Considerações Iniciais, lê-se: “Avançar na modalidade requer repensar práticas e concepções, pactuar princípios, propor diretrizes, reformular orientações e normas, rever formatos e metodologias”. Este parágrafo vem ratificar a necessidade de buscar novas metodologias, utilizando as novas tecnologias para alcançar o principal objetivo que é melhorar as aprendizagens do alunado e, por consequência, evitar a reprovação e evasão.

É preciso ter sempre em mente a diversidade que está presente em sala de aula, como a da idade, raças, credos, culturas, classes sociais e diversidades sexuais, pensar também nos alunos que saíram do turno diurno e foram para o turno noturno e outros que estão a mais de 10 ou 20 anos longe da escola, e é partindo dessa imensa diversidade que é preciso buscar formas de envolver a todos os alunos e compreender que cada um dos que estão lá possui suas características próprias, dentre elas o tempo de aprender, e que qualquer ação não compreendida poderá levar este aluno a evadir novamente. Portanto, pensar o sujeito na sua integralidade observando todas as suas características e diversidade, ficando atento aos vários aspectos que representam particularmente suas culturas como a linguagem, as tradições, a culinária, a religião, os costumes, o modelo de organização familiar, para ajudá-lo a atingir seu objetivo que é o de concluir os estudos.

Outras Resoluções, como a 1/2000, do Conselho Nacional de Educação - CNE, a Resolução 3/2010 das Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos, fala sobre a duração dos cursos. O Parecer 11/2000, do CNE, das Diretrizes Curriculares Nacionais, enfatiza o direito à educação. Na Resolução CNE/CEB nº 2/2010, dispõe sobre a EJA para os indivíduos privados de liberdade. Decreto nº 5.840/2006, que institui o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).



Imagem 6. A moldura do retrato dos alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Disponível em: <redescobrinandoeja.blogspot.com>. Acesso em 9/10/2015.

No Art. 205, da Constituição Federal, consta que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A educação vai se formando através de situações presenciadas e experiências vividas por cada indivíduo ao longo da sua vida, ou seja, a partir destas aquisições via meios sociais como família, comunidade, igreja, trabalho, lazer ou outros espaços que favoreçam a educação.

E para enfrentar os novos desafios do século XXI, a UNESCO, no documento “Educação, um tesouro a descobrir” (2010) sugere que é preciso dar continuidade aos estudos, não se pode mais parar de estudar, ficar desinformado sobre as novas tecnologias, é preciso acompanhar os novos tempos. “(...) educação ao longo da vida (...) é a chave que abre as portas do século XXI (...) é a condição para um domínio mais perfeito dos ritmos e dos tempos da pessoa humana”, para isso - aprender a ser; aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos – são prioridades que devem ser perseguidas em sala de aula.

Em relação ao conteúdo programático da EJA, segundo o Projeto Político Pedagógico - PPP Carlos Mota, (DISTRITO FEDERAL, 2014. p. 83-86), caderno sete, afirma que diante da diversidade da sociedade atual, há de se pensar em uma nova estrutura curricular para a EJA. É preciso pensar na diversidade sociocultural e nas características etárias, e para tanto há de se observar a que tempo cada um aprende que espaço será mais propício para que seja efetivada a apropriação dos saberes.

Cada aluno presente em sala de aula traz consigo uma infinidade de saberes, práticas e experiências que devem ser aproveitados, assim haverá um aprendizado significativo, partindo do que o aluno já sabe para complementar com o saber curricular. Com esta metodologia buscar-se-á uma ressignificação dos saberes, uma construção e ressignificação de novos conhecimentos. Outra possibilidade que deve ser colocada em prática é utilizar um modelo mais flexível de currículo, não interessa mais a quantidade, mas sim o como será feito, como alcançar os objetivos propostos de cada conteúdo, como será feita esta ressignificação, em que tempo.

O Documento Base Nacional Preparatório a VI Confederação Internacional da Educação de Jovens e Adultos - Confinteia, 2008, adverte da importância de construir um currículo de

forma integrada, baseado nas características de cada comunidade e “mediado” com os estudantes. É preciso considerar o “sujeito histórico”, e não um sujeito estático, com condições de contínuo aprendizado, e para isso é preciso ter sensibilidade e coragem para romper com os currículos rançosos e apresentar novas possibilidades e que facilitem o diálogo entre professor/aluno.

A partir de 1990, com a implantação do Sistema de Avaliação da Educação Básica, a Prova Brasil e a do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, o sistema educacional brasileiro começou a ganhar um novo direcionamento, antes o “conteudismo” era a realidade de todas as escolas, agora habilidades e competências ganham lugar e o que importa é a contextualização dos saberes, para que os alunos consigam utilizar o que aprenderam na sua realidade social.

Um currículo educacional estruturado por competências apresenta algumas características como: não mais apresentar o conteúdo de forma sistematizada; evitar a fixação em cumprir todo o conteúdo, o que não permite que competências sejam desenvolvidas; compreender que o erro faz parte da aprendizagem do aluno, é no erro que ele percebe que faz parte do processo, é no erro que o aprendiz encontra desafios, e como o objetivo é resolver desafios, errar faz parte do processo.

4.3 – As Tecnologias de Informação e Comunicação e a EJA

Conforme Levy, tecnologia é um suporte digitalizado da informação e comunicação, o qual proporciona interesse devido o rápido acesso entre a informação e o indivíduo que está em busca do conhecimento.

As novas tecnologias da comunicação e da informação transformam o conceito de conhecimento. O adquirir de competências torna-se um processo contínuo e múltiplo, em suas fontes, em suas vias de acesso, em suas formas. Um autêntico universo oceânico de informações alimenta o fluxo incessante de construções possíveis de novos saberes. (LÉVY, 2008a, p. 161).

Lévy também apresenta o termo Inteligência Tecnológica, que são as conexões sociais que, interligadas, favorecem e facilitam o processo de ensino-aprendizagem.

Não há mais sujeito ou substância pensante, nem “material”, nem “espiritual”. O pensamento se dá em uma rede na qual neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistema de escrita e computadores se interconectam, transformam e traduzem representações. (LÉVY, 2008a, p. 135).

A escola e os alunos da EJA têm enfrentado muitos desafios relacionados tanto em dar um novo significado às suas próprias vidas quanto nas suas trajetórias escolares. É importante que ambos, escola e alunos, percebam que voltar para a sala de aula não é apenas

uma oferta, uma benesse do Estado, mas sim um direito de todos os brasileiros. E, nada mais interessante na atualidade que se utilize as tecnologias para enfrentar os desafios colocados à frente de cada professor, de cada escola. Conforme Lévy, o pensamento ocorre em rede, tanto no corpo, neurônios, módulo cognitivo, depois seguem nas instituições de ensino, nas línguas, no sistema de escrita, e são os computadores que se interligam e transformam e traduzem o que foi sistematizado pelo homem.



Imagem 7: Novas Tecnologias nas escolas.
Disponível em: <gostandodehistoria.blogspot.com>. Acesso em 9/10/2015.

A educação tem passado por um período de grandes transformações e construções com a introdução das novas tecnologias que vão desde a inclusão do livro digital até as web-conferências, porém não é de agora que estas mudanças vêm ocorrendo, mas surge uma questão, até que ponto estas tecnologias interferem no aprendizado das pessoas? Como as tecnologias podem auxiliar no processo de aprendizagem para que haja a obtenção do conhecimento? Como trazer a inovação para a sala de aula? Existe uma verdade, é a de que a escola se manteve antiquada e os nossos alunos mudaram de perfil, mesmo os adultos, alunos da EJA já não são mais os mesmo de 10, 20 ou 30 anos.

A velocidade das novas tecnologias se supera a cada momento,

A aceleração das Tecnologias é tão forte e tão generalizada que até mesmo os mais “ligados” encontram-se, em graus diversos, ultrapassados pela mudança, já que ninguém pode participar ativamente da criação das transformações do conjunto de especialidades e técnicas, nem mesmo seguir essas transformações de perto. (LÉVY, 2008b, p. 28).

A tecnologia é um dos principais agentes de transformação da sociedade e está presente de diferentes formas e diversos usos em nosso cotidiano, em nossas atividades.

Com este novo perfil, as escolas precisam se adequar a cada realidade. Não há mais espaço para o tradicional, giz e quadro, é preciso que se utilizem novas ferramentas, também

não é preciso que se faça grandes e complexos projetos, mas a utilização de equipamentos tecnológicos poderá auxiliar no desenvolvimento dos alunos. A criatividade é outra ferramenta importante para preparar novas lições de sala de aula, novos métodos de avaliação e novas maneiras de partilhar conteúdo. É importante perceber que os conteúdos regulares continuam sendo importantes e devem fazer parte da aprendizagem dos alunos, mas devem ser partilhados com criatividade e inovação, e isso irá impulsionar a sua apreensão.

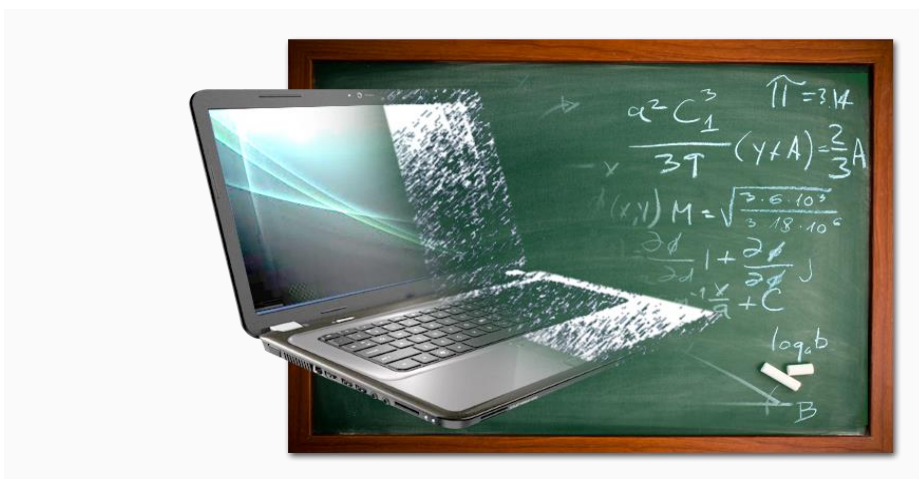


Imagem 8: Quadro e giz ou novas tecnologias?
Disponível em: <saladeaula.bluefive.com>. Acesso em 9/10/2015.

O termo cibercultura tem como significado uma nova forma de cultura que surgiu a partir do desenvolvimento destas tecnologias digitais e está cada vez mais presente e ocupando espaços em toda a sociedade moderna.

Para Lévy, Cibercultura nada mais é que neologismo, pois:

É possível afirmar que, no limite, as Tecnologias da Informação e Comunicação estão postas como elemento estruturante de um novo discurso pedagógico, bem como de relações sociais que, por serem inéditas, sustentam neologismos como “Cibercultura”. (LÉVY, 2008b, p. 46).

Para André Lemos e Paulo Cunha, organizadores do livro “Olhares sobre a Cibercultura”, em 2002, também afirmam que

A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar mas o nosso presente (*homebanking*, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A cibercultura representa a cultura contemporâneas sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna. (Lemos e Cunha, 2002)

Isto significa uma imensa ligação, disseminação e integração entre todas as formas de cultura existentes no mundo, ou seja, “a Cibercultura é a cultura contemporânea fortemente marcada pelas tecnologias digitais”, afirma o professor Francisco Rodrigo Cunha de Sousa

(2014, p. 01) em seu artigo “EaD: Cibercultura, Tecnologias Educacionais e Educação”. Ela está presente no cotidiano de cada indivíduo, mesmo que não se perceba, como: banco eletrônico, cartões magnéticos, voto eletrônico, pages, palms, imposto de renda via rede, inscrições via internet, etc.

Conforme a teoria de Engel, filósofo alemão do final do século XVIII e início do século XIX, em apontamentos manuscritos com o título “O papel do trabalho na transformação do macaco em homem”, escrito em 1876, reflete sobre o homem, que se desenvolveu ao longo de milhões de anos e continua se desenvolvendo, agora menos os seus membros e órgão, e mais as suas habilidades, e é com estas novas tecnologias que alunos, professores e todos que participam de ambientes escolares poderão desenvolver suas habilidades e competências, pois são inúmeras as possibilidades apresentadas por estes equipamentos tecnológicos, os quais poderão ser utilizados no cotidiano escolar.

4.4 - O Mundo Digital e os Gêneros Textuais

Com estas novas possibilidades de uso das tecnologias, surgiu no mundo digital, um conjunto de gêneros textuais que ainda não tem definições mais específicas, o e-mail ou o correio-eletrônico, são apenas adaptações da já ultrapassada carta enviada via Correios. Agora eles se encontram presentes no mundo cibernético. Outros modelos de comunicação como recados ou mensagens de comunidades de relacionamento são adaptações e se apresentam em diferentes níveis de linguagem, agora em formato eletrônico.

Outra questão relacionada ao espaço virtual é a formalidade/ informalidade da linguagem usada. Percebe-se um hibridismo, encontramos traços da escrita – (formal), e traços da fala – (informal), o que não o distingue do nosso cotidiano. Podemos definir, porém, e-mail, salas de bate-papo, fóruns, chats, blogues, textos acadêmicos, como gêneros textuais digitais, e é com estes novos gêneros que serão possíveis desenvolver novos projetos e assim envolver o aluno no aprendizado.

4.5 - EJA Trabalhadora

Em relação construção do conhecimento sobre EJA Trabalhadores, Territorialidade e Mundo do Trabalho, no vídeo, “Bom dia, meu nome é Sheila”, exibido no Módulo 7 deste curso, e também na rede no endereço <http://portacurtas.org.br/filme/?name=bom_dia_meu_nome_e_sheila>, onde é apresentada uma profissional de telemarketing, e neste curta-metragem mostra a necessidade de melhorar a relação à dignidade no trabalho dos trabalhadores. O aluno da EJA, com raras exceções, não se encontra preparado para assumir postos mais qualificados, e isto ocorre unicamente

pela falta ou total desqualificação educacional e profissional. No vídeo “O mundo global visto do lado de cá”, também exibido no Módulo 7, e disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM>, em entrevista com o sociólogo Milton Santos, e no texto “Trabalho e educação: território e globalização” são feitos questionamentos sobre as possibilidades de uma nova forma de trabalho e de educação, ambos interligados, e mostra que os alunos da EJA têm dificuldade em se inserir no mercado de trabalho também devido aos fatores históricos e sociais. O acesso às novas tecnologias será uma porta de entrada para que estes alunos superem estes fatores.

Para o bom desempenho de cada estudante é necessário trabalhar a sua individualidade e a partir da particularidade de cada um sejam desenvolvidas as suas potencialidades, sem se prender aos conceitos de que todos devem ocupar espaços privilegiados na sociedade, pois mesmo nas sociedades marxistas ou socialistas sempre existirão diferentes classes, umas mais privilegiadas que as outras. O que importa é dar a cada aluno a condição de pensar por si só e poder fazer suas escolhas, haverá então um aluno autônomo.

4.6 - Preconceito Linguístico e os Alunos da EJA

Passa despercebida pela maioria das pessoas que a língua está presente na nossa vida em momentos muito importantes como na música, na arte, na família, no trabalho, na política, em toda a cultura e que o seu uso vai além dos limites do formal e do informal.

Aristóteles afirma que “só existe língua se houver seres humanos que a falem” e que o ser humano “é um animal político”, assim “tratar da língua é tratar de um tema político”, já que também é tratar de seres humanos, afirma Marcos Bagno (2004, p. 9-56).

Marcos Bagno, em seu livro “Preconceito Linguístico, o que é, como se faz”, relata alguns mitos do preconceito linguístico que estão presentes na sociedade brasileira.

O principal é de que a língua portuguesa falada no Brasil apresenta como uma unidade, todos falam iguais. Não é verdade. O nosso País é continental, e as distâncias não permitem que todos tenham acesso entre si. Isso faz com que as cinco regiões tenham dialetos e sotaques diferenciados. A grande diversidade cultural, entre eles costumes religiosos, políticos artísticos, deixou na língua portuguesa marcas que tornaram a nossa língua mais rica em seu vocabulário e sua pronúncia. É importante frisar que tais diferenças não constituem erro, mas são marcas deixadas por outras línguas que participaram da formação da língua portuguesa brasileira. Entre esses idiomas estão os indígenas e africanos, além dos europeus, como o francês e o italiano. Com estes elementos presentes em cada região do país, aliada ao desenvolvimento histórico de cada lugar, fez com que surgissem expressões típicas de determinada região chamadas de regionalismos.

Os alunos da EJA, são imigrantes ou filhos e netos de imigrantes. Com dados mais atuais em relação à imigração, o censo demográfico de 2010, divulgado pelo IBGE, apontou pela primeira vez na história da cidade que o número de brasileiros naturais superou o de imigrantes, mas o Distrito Federal ainda é a unidade da Federação com o maior percentual de migrantes (46,2%), e assim o multiculturalismo continua presente na capital do Brasil o que enriquece ainda mais a cultura local. (<http://www.anuariododf.com.br/site/wp-content/uploads/2014/01/anuario2013.pdf>)



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Imagem 9: “Nóis vai” hoje pai?

Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000000447/0000003342.jpg>>. Acesso em 9/10/2015.

O segundo mito é que brasileiro não sabe falar português, quem sabe são os portugueses. É bom lembrar que os brasileiros desenvolveram a sua própria língua, temos gramática própria, vocabulário próprio, e a cada dia o português brasileiro se distancia mais do português de Portugal e a nossa língua é propagada por todo o mundo e goza de grande prestígio, já que a nossa música é reconhecida e ouvida mundo afora.

Outro mito é que português é muito difícil. Saber falar significa empregar as regras básicas de funcionamento da língua, e já está comprovado que crianças de 3 ou 4 anos de idade já dominam perfeitamente as regras gramaticais de sua língua.

O seguinte é de que as pessoas sem instrução falam tudo errado. Pensar em escola-gramática-dicionário é ter preconceito linguístico, língua “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”. Nas palavras “Cráudia, chicrete, praca, broco, pranta”, pronunciadas desta forma, são muito estigmatizadas, mas poucos foram em busca da verdadeira razão destas pronúncias, que derivam do Latim.

O melhor lugar onde se fala o português é o Maranhão é outro preconceito. O uso do pronome “tu” ainda é usado no Maranhão e Pernambuco, mas vem perdendo seu espaço pelo pronome “você”. Além deste pronome já ser considerado um arcaísmo, ou seja, pouco utilizado pela sociedade, como aconteceu com o pronome “vós”, o uso do pronome nem sempre é acompanhado corretamente do verbo, cai o mito de o Maranhão ser o estado onde melhor se fala o português brasileiro.

“O certo é falar assim porque se escreve assim”, o que não acontece em nenhum lugar do mundo, nem se escreve como se fala. A verdade é que a escrita surgiu para representar a fala, o que nem sempre acontece.

“É preciso saber gramática para falar e escrever corretamente”, esta crença é real para a maioria das pessoas. Na verdade, as gramáticas foram escritas para descrever a língua, fixar como regras e padrões as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores de maior prestígio, ou seja, é a gramática que decorre da língua e não o inverso.

E o último mito é que o domínio da norma culta é um instrumento capaz de promover a ascensão social. Pensar que é suficiente ensinar a norma culta para pessoas carentes, com pais desempregados, morando em casebres, sem água nem energia elétrica, de nada vai adiantar senão der acesso a hospitais, a tecnologias modernas, a empregos decentes, a participação ativa e consciente de resoluções que afetam a sua vida, nas decisões políticas. O que pode mudar a vida de uma pessoa nesta situação de “sem-língua” é reconhecer que ela existe, é preciso dar acesso à educação, em seu sentido mais amplo, é acesso à saúde, educação, transporte, bens culturais, qualidade de vida, dignidade e respeito.

Em 1998, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, houve um grande avanço em relação à unidade da língua no Brasil, e já se falava em diversidade da língua. Com estes conceitos já incorporados pelas escolas e professores, o trabalho está sendo feito, mas ainda a muito para se alcançar níveis significativos de desenvolvimento de habilidades e competências no uso do português brasileiro.

Os alunos da EJA são reféns da maioria destes mitos. Eles acreditam que o seu modo de falar está carregado de erros, deixando-os até com vergonha de se comunicar. Desenvolver habilidade e competência na fluência verbal e escrita e melhorar o vocabulário destes alunos é algo que dará a eles melhores condições de comunicação e aumentará a autoestima.

Portanto, o projeto de intervenção será um momento em que cada aluno terá a oportunidade de utilizar saberes já presentes na sua história e desenvolver outros a partir do uso da língua. Com o PIL, os alunos poderão aprimorar o uso da linguagem verbal e escrita; aprender a usar novas tecnologias como: computadores e celulares; aprender a falar usando a própria linguagem; aprender a escrever, escrevendo sobre a sua própria história.



Imagem 10: Prova de novo?
Disponível em: <professordigital.wordpress.com>. Acesso em 9/10/2015.

4.7 - Gênero Memórias Literárias

Memórias Literárias são textos nos quais lembranças pessoais são reproduzidas, revivendo o passado ou criando histórias. É importante que as palavras usadas sejam primorosamente escolhidas, pois o que caracteriza este gênero é o ritmo musicalidade do texto, o que conduz o leitor ao cenário, e o faz estar presente, via imaginação, em todos os lugares e acontecimentos narrados. A imagem, o cheiro, o som e tudo mais serão sentidos pelo leitor.

O jeito de falar, o comportamento das pessoas, as histórias dos familiares, dos amigos, da comunidade estarão registradas e o leitor será parte história. O tempo sempre será o passado e o narrador em primeira pessoa será narrador-personagem ou narrador-testemunha, que contará a história segundo o seu ponto de vista. Outra característica é que o gênero Memórias Literárias é relativamente livre, mas para fins didáticos poderá conter: a apresentação, o corpo e fechamento.

Autores renomados e conhecidos escreveram texto que fazem parte desse gênero. Podemos citar Fernando Sabino, Bartolomeu Campos Queirós, Gabriel García Márquez, entre tantos outros.

Com este projeto, imagino que haverá um grande envolvimento dos alunos, já que eles próprios serão personagens das histórias contadas, também suas famílias, amigos, espaços em que viveram voltarão à memória, além de reforçar a importância e o valor da amizade na vida de cada um.

5- Objetivos:

5.1- Objetivo Geral:

O uso das tecnologias de informação e comunicação nas aulas de língua portuguesa na EJA como potencializadoras de novas formas de ensinar e aprender.

5.2- Objetivos específicos:

1. Integrar novas tecnologias às práticas de ensino/aprendizagem nas aulas de língua portuguesa e assim dar oportunidade aos alunos de utilizar novas tecnologias como ferramenta pedagógica.
2. Despertar e incentivar o gosto pela leitura e escrita, por meio de diversos gêneros textuais, utilizando tecnologias variadas;
3. Ampliar a competência comunicativa, lendo e escrevendo textos socialmente relevantes sobre o trabalho com o gênero textual memórias literárias.
4. Planejar, produzir, reescrever, revisar e publicar memórias literárias.

6 – Atividades e Desenvolvimento

6.1 - Proposta de Plano de Aula

Esta é a proposta do plano de aula que representa a síntese do nosso Projeto de Intervenção Local - PIL. Tal plano foi elaborado como forma de enfrentamento aos problemas identificados como a desmotivação a baixa aprendizagem, a repetência e a evasão escola. Espera-se com esta intervenção que os problemas sejam reduzidos.

	Nome	Setor	Responsabilidade
1	Prof. Silvana	Sala de aula	<ul style="list-style-type: none">➤ Preparar os materiais que serão utilizados no decorrer do projeto.➤ Entregar material na mecanografia.➤ Reservar sala de múltiplas-funções.➤ Reservar laboratório de informática.➤ Providenciar lista de material que deverá ser comprado.➤ Providenciar pipocas e refrigerantes para assistir ao filme.

2	Diretor	Direção	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Autorizar o desenvolvimento do projeto. ➤ Autorizar a aquisição e materiais. ➤ Solicitar que contate com a Subsecretaria de Modernização e Tecnologia – SUMTEC, para prover internet na escola, e também com a NTE da Regional do Paranoá. ➤ Disponibilizar data para a apresentação e entrega do livro à direção e alunos.
3	Coordenadora	Coordenação	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Acompanhar todas as fases do desenvolvimento do projeto. ➤ Providenciar a compra de cabos para os equipamentos que serão usados na sala de múltiplas-funções e laboratório de informática. ➤ Providenciar a compra do filme “Amigos Improváveis.” ➤ Providenciar a compra de pipocas e refrigerantes.
4	Mecanografia	Sala de mecanografia	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Verificar se a escola tem papel e toner para impressão de material. ➤ Providenciar as cópias do material solicitado dentro do prazo solicitado.
5	Colaborador	Sala de múltiplas-funções	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Fazer a reserva da sala. ➤ Fazer testes no Datashow. ➤ Fazer a lista de material necessário (cabos) que estão em falta. ➤ Fazer testes para que não ocorram problemas no momento do uso dos equipamentos. ➤ Providenciar cadeiras. ➤ O colaborador deverá permanecer na sala enquanto é feita a apresentação do filme.
6	Colaborador	Laboratório de informática	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Fazer a reserva da sala. ➤ Fazer testes nos equipamentos. ➤ Testar a internet. ➤ Fazer a lista de material necessário (cabos) que estão em falta. ➤ Providenciar toner para a impressora. ➤ O colaborador deverá permanecer no laboratório de informática com os alunos.
7	Orientadora Educacional	Orientação Educacional	<ul style="list-style-type: none"> ➤ A orientadora educacional deverá ser a interlocutora, caso haja algum conflito entre alunos ou aluno/professor no decorrer do projeto. ➤ Poderá acompanhar o desenvolvimento do projeto e avaliar o desenvolvimento intelectual e emocional dos alunos, para

			posteriores debates em reunião de professores.
8	Alunos	Alunos/professora	➤ Os familiares deverão ser convidados para a apresentação dos textos produzidos e entrega dos livros Memórias Literárias, “Meu Amigo Inesquecível”.
9	Avaliação	Professora	➤ A avaliação será formativa e ocorrerá ao longo do processo, por meio de ficha avaliativa conforme item 10.

6.2 - Desenvolvimento

1º momento:

1. Apresentação do projeto
2. Gênero: Memórias Literárias. O que são Memórias Literárias;
3. Apresentar o conteúdo (Anexo1);
4. Distribuir e ler texto (Anexo 2 ao 11);
5. Ler em voz alta, cada aluno lê um parágrafo;
6. Promover discussão sobre o texto;

2ª momento -

1. Filme: “Amigos Improváveis” (112 min.– adequar horário; pipocas e refrigerantes).

3ª momento:

1. Debate sobre o filme “Amigos Improváveis”.
2. Debate sobre vivências de amizade.

4º momento

1. Distribuir textos de memórias de diferentes autores para que os alunos realizem uma leitura silenciosa (Anexo 2 ao 11);
2. As imagens (Anexo 1 - imagens) serão reproduzidas na televisão da sala de aula, depois da leitura dos textos;
3. Dividir a turma em duplas e propor que comentem sobre o que leram e sobre as imagens, escolher o texto que mais chamou a atenção e apresentar oralmente aos colegas.

5º momento

1. Fazer uma entrevista coletiva com funcionário da escola, servidor da secretaria que já estudou na escola e agora é funcionário, sobre a sua memória estudantil e amizade, cada dupla tem direito a fazer uma pergunta, (a atividade será realizada em sala de aula).
2. O trabalho deve ser realizado da seguinte maneira: um aluno da dupla é escolhido para fazer a pergunta e narrar para o colega que será o escriba.
3. O escriba registra tudo no caderno e o colega ajuda a melhorar a produção.
4. Ao final a dupla deve preparar o texto em seu caderno.

6ª momento

Após o assistir ao filme, os debates e a entrevista os alunos deverão iniciar a sua própria produção.

Fazer os seguintes questionamentos:

1. Faça uma lista de seus amigos inesquecíveis;
2. Faça uma lista das qualidades de um amigo inesquecível;
3. Cite os fatos que marcaram a sua vida com estes amigos;
4. Como se sentiram ao assistir ao filme;
5. A história lembra alguma situação que já vivenciaram;
6. Quem é seu amigo inesquecível;
7. O que ele fez de especial.
8. Chamar a atenção também para aspectos relativos ao uso dos tempos verbais (passado/presente) e dos pronomes, além de enfatizar a importância dos sinais de pontuação.

7ª momento

1. Com as anotações feitas anteriormente, produzir um texto individual.
2. Realizar um processo de revisão coletiva e após entregar ao professor para fazer a correção individual.

Para começar (professor):

1. Listar no quadro problemas que permeiam a maioria dos textos, no quadro.
2. Discuti-los e apresentar as explicações mais gerais.
3. Em seguida, devolver os textos e propor que os alunos formem duplas para melhorarem suas produções.

4. Recolher os textos, ler minuciosamente e anotar sugestões para aprimorá-los.
5. Entregar as produções com observações específicas para que cada um realize a reescrita individual.
6. Ler novamente os textos e sugerir os últimos aprimoramentos e as questões ortográficas que precisam ser ajustadas.
7. Estabelecer um prazo para a entrega da versão final.

8º momento

1. Para finalizar, os alunos devem produzir capas para a coletânea;
2. Escolher a melhor capa;
3. Levá-los para a sala de informática para digitação e diagramação de cada texto;
4. Organizar o livro e preparar a cerimônia de lançamento;
5. Fazer uma lista de professores, funcionários e membros da comunidade e família que serão convidados a participar da apresentação.

Produto final

Livro com as Memórias Literárias – **MEU AMIGO INESQUECÍVEL** - Alunos do CEF 1 do Paranoá, 8ª Etapa, Turmas A, B e C.

7- Cronograma, Reflexões e Perspectivas:

Data	Setor	Respon-sável	Ação 1	Ação 2
05/08	Sala de aula	Silvana	Conversa com os alunos sobre a participação em projetos e novas formas de aprender.	
10/08	Direção	Silvana	Apresentação do projeto à direção e coordenação.	
17/08	Mecanografia	Silvana	Entrega de material para mecanografia cópias. Anexo A.	Marcar a data da entrega para 24/08.
24/08	Sala de aula	Silvana	Apresentação do projeto para os alunos.	Pegar material na mecanografia.

25/09	Sala de aula	Silvana	Início do projeto, entrega de material.	O que são Memórias Literárias.
08/09	Sala de múltiplas funções e cozinha	Silvana, colaborador, cozinheira	Filme "Amigos Improváveis."	Pegar pipoca e refrigerantes na cozinha.
11/09	Sala de aula	Silvana	Debate sobre o filme e correlação entre o filme e a vida de cada um.	Anotações pessoais.
15/09	Sala de aula	Silvana convidado.	Entrevista sobre a vivência do secretário escolar.	O entrevistado será o secretário escolar do turno noturno, que já foi aluno do CEF 1, por isso foi escolhido, para contar a sua vivência na mesma escola em que estudou quando era criança e agora é servidor.
18/09	Sala de aula	Silvana	Elaboração da entrevista	Cada dupla tem direito a uma pergunta ao secretário escolar. Um aluno faz a pergunta ao entrevistado e o outro aluno faz as anotações. As duplas devem verificar como foram feitas as anotações e reelaborar as transcrições em terceira pessoa, caso ainda não tenha feito. Comparar as anotações entre os grupos.
21 a 25 /09	Sala de informática	Silvana e colaborador	Pesquisa na internet sobre texto de memórias literárias.	As duplas devem pesquisar textos e selecionar apenas dois que serão reelaborados verbalmente e apresentados em sala de aula.
28 e 29/09	Sala de aula	Silvana	Apresentação dos textos, verbalmente.	Cada dupla tem cinco minutos para contar a história escolhida.
2 a 9/10	Sala de aula	Silvana	Início da elaboração das próprias memórias. O tema será amizade - "Meu Amigo Inesquecível."	Os alunos começam a escrever suas memórias. Atividade será realizada inicialmente no caderno.

09/10	Sala de aula	Silvana	Entrega do texto para primeira correção em folha destacada.	Melhorar o texto, atividade de reescrita.
12 e 13/10	Sala de aula	Silvana	Devolução dos textos com as correções necessárias.	Tirar dúvidas dos alunos
12 e 13	Sala de aula	Silvana	As duplas deverão fazer a leitura do texto dos colegas e sugerir modificações, podem ser gramaticais, tempo, modo, etc.	Segunda reescrita e correção.
23 a 30/10	Laboratório de informática	Silvana e colaborador	Digitação das memórias. Preparar os convites para os familiares, alunos e direção.	Correção dos textos já digitados.
30/10	Laboratório de informática	Silvana e colaborador	Confeccionar a capa do livro	Os alunos devem apresentar sugestões e posteriormente será escolhida a melhor capa por votação.
02 a 13/11	Laboratório de informática	Silvana e alunos	Formatação do livro de memórias dos alunos.	Finalização será feita pela professora.
27/11	Sala de múltiplas-funções Encerramento do projeto	Silvana e colaborador e cozinha	Leitura de algumas memórias escolhidas pelos próprios alunos aos convidados.	Convidados: Toda a direção da escola, alunos da 8ª série e familiares dos alunos. Providenciar lanche para todos.
Ao longo do processo	Avaliação	Silvana	A avaliação dos alunos será feita depois de cada aula, e poderá acontecer de diversas formas como: professor avaliando o aluno ou o aluno avaliando o próprio colega e ainda cada um se auto-avaliando.	

8- Acompanhamento e Avaliação do Plano de Aula

A estratégia de avaliação será formativa, pois ocorrerá ao longo do processo da realização do projeto, e serão avaliados em relatório individual os itens abaixo, sendo que cada aluno terá uma ficha onde será assinalado em ótimo, bom, regular, e ao final receberão um conceito conforme a avaliação de toda as aulas, as avaliações ocorrerão de três maneiras: a primeira será o professor avaliando os alunos individualmente, a segunda os alunos avaliam um ao outro, intergrupos, e a terceira será a auto avaliação, anexo B. Os itens serão:

- Interesse do aluno na leitura e escrita,
- O desenvolvimento dos alunos no uso das tecnologias e troca de informações,
- Na participação das atividades e nos trabalhos coletivos, no senso crítico,
- Na colaboração e articulação,
- Na produção e apresentação dos trabalhos orais e escritos.
- Participação contributiva nas discussões;
- Assiduidade;
- Postura ética;
- Relacionamento interpessoal;
- Envolvimento nos trabalhos em grupo;
- Estabelecimento de relações conceituais, argumentação consistente e coerência teórica;
- Criatividade e pontualidade na entrega de trabalhos.

9- Parceiros:

- Para a realização deste projeto é necessário o envolvimento de diversos setores da escola, pois espaços como sala de múltiplas-funções, laboratório de informática e o uso de equipamentos eletrônicos e cozinha são indispensáveis para o desenvolvimento das atividades, e para tanto dependemos dos responsáveis de cada um dos envolvidos dar o suporte necessário, e assim não haver contratempos nos dias do desenvolvimento das atividades.
- Será solicitada parceria com a Subsecretaria de Modernização e Tecnologia – SUMTEC, para prover internet na escola, e também com a Núcleo de Tecnologia – NTE - da Regional do Paranoá, para que seja suprida a demanda.

10 - Orçamento:

	Material	Quantidade	Valor unitário	Total
1	Cabos para o Datashow	03 un.	25,00	75,00
2	Cabos para laboratório	10 un.	25,00	250,00
3	Toner	01 un.	350,00	350,00
4	Papel	06 resmas	15,00	90,00
5	DVD do filme “Amigos Improváveis”	01 un.	40,00	40,00
6	Pipocas	20 un.	4,00	80,00
7	Refrigerante	15 un.	6,00	90,00
8	Papel cartão para os convites	01 resma	20,00	20,00
Total				1.065,00

11. Reflexões e Perspectivas

Em relação ao curso, durante o ano me deparei com diversas informações e posicionamentos apresentados nos textos e em comentários nos debates após as leituras oferecidas, os quais me deram oportunidade de repensar posições, o que não quer dizer que tenha mudado as minhas, mas saber que novas possibilidades podem deixar o nosso semelhante melhor, especialmente nossos alunos nos deixa em alerta para que em nenhum momento nos posicionemos com algum tipo preconceito, especialmente o da dificuldade que os alunos da EJA apresentam em relação a comportamento, leitura escrita entre outros. Para a elaboração do PIL, mais leituras e texto, escolhas de tópicos para aumentar as possibilidades de material, o que nos deixam inseguros, e sempre com a certeza de que muito mais poderia ter sido feito para enriquecer o material, contudo concluo este curso na certeza de que foi mais uma etapa, e que novas investidas intelectuais devem acontecer para acompanhar e nos manter atualizados em relação à Educação de Jovens e Adultos.

As atividades acima relacionadas têm transcorrido com bastante tranquilidade e envolvimento dos alunos. A cada etapa, percebe-se que os alunos ficam mais entusiasmados com as atividades. A primeira atividade proposta foi conhecer o gênero memórias literárias, e chamou muito a atenção deles saber que não precisam esperar por “insights” para escrever, mas que podem organizar seus pensamentos e contar as histórias de suas vidas, que, como mostrei a eles, são ricas em informações, pois todos nós vivemos momentos de alegrias,

tristezas, prazer, raiva, esperança, enfim, são muitas histórias, basta que nos concentremos e escolhamos uma para contar.

Em um segundo momento nos preparamos para assistir ao filme “Amigos Improváveis”, pois ao final do projeto, temos como meta a confecção de um livro com as histórias dos alunos com o tema “Meu Amigo Inesquecível”, e este filme mostra como mudou a vida de um cadeirante tetraplégico depois de contratar um jovem para ajudá-lo nas atividades diárias. O pessoal da cozinha preparou pipocas e refrigerantes para que o espaço se tornasse um pouco parecido com o cinema. Foi um sucesso. Todos se emocionaram e riram muito das travessuras da dupla, um totalmente imóvel na cadeira de rodas e o outro preparando as maiores aventuras, que nem mesmo sendo “normal”, teriam coragem de participar. Na aula seguinte fizemos um debate, alguns fizeram algumas anotações, mas foi principalmente verbal, o que é muito importante para que nossos alunos aprendam a contar suas histórias com uma sequência lógica, diminuindo a timidez e também melhorando argumentos e vocabulário.

A etapa seguinte foi a entrega dos textos, conforme anexo A, para as duplas lerem, debaterem entre si e depois apresentarem aos colegas. Este momento foi menos envolvente, já que os alunos não têm o hábito da leitura. Sabendo das dificuldades tive o cuidado de não pegar textos tão longos, para facilitar a atividade do debate.

Para iniciar as atividades relacionadas à tecnologia na escola, fomos ao laboratório de informática para fazer uma pesquisa sobre autores que escreveram suas memórias literárias. Cada dupla escolheu dois textos para imprimir e colar no caderno para pesquisa na hora de escreverem seus próprios textos. A experiência foi válida, mas sempre nos deparamos com poucos computadores, e isso dificulta as atividades, pois seria interessante que cada aluno manuseasse um equipamento. Ao final todos levaram seus textos.

Convidamos o servidor da escola que foi aluno do CEF 1 para ser entrevistado pelos alunos. Foi mais um momento inspirador para eles. Pois nos contou dos tempos em que a escola atendia da Asa Norte e Sul e também do “Cajinho”, da violência que existia na escola, mas também dos amigos que fez.

Após passarmos por todos estes momentos, os alunos começarão a escrever suas próprias memórias com o tema “Meu Amigo Inesquecível”. O título foi escolhido para que tivéssemos um norte nas atividades, e como eles aceitaram a proposta no início das atividades, mantivemos todo o projeto inicial.

Todos os alunos têm um arcabouço de informações bem interessante e vasto para iniciar as suas memórias. A expectativa é enorme, pois sempre aparecem histórias maravilhosas sobre a vida destes alunos. A professora e os próprios colegas irão partilhar tudo o que for escrito através de leituras orais, com colegas, da correção feita pela professora,

e assim espera-se que os alunos desenvolvam as habilidades orais e escritas, que aprendam a reescrever, pois é com um conteúdo significativo que eles concretizarão o aprendizado.

O uso das tecnologias de informação e comunicação nas aulas de Língua Portuguesa para o público da EJA deu oportunidade aos alunos de terem acesso a novas formas de ensinar e aprender, e assim todos os atores desse projeto saíram ganhando, pois tiveram a oportunidade de participar de um momento diferenciado na escola.

Espera-se com esta experiência que novos projetos sejam implementados na escola com a participação de todas as pessoas que constroem a educação.

O momento da elaboração das memórias realizado pelos alunos é o que cria mais expectativa, entretanto, a sua conclusão trará a todos uma imensa satisfação e, ao final, será de extrema importância trazer a comunidade escolar para partilhar o sucesso de cada aluno, e juntos confraternizarmos com o sucesso deste Projeto de Intervenção Local.

12- Referências:

BAGNO, Marcos, *Preconceito Linguístico, o que é, como se faz*. 49ª Ed. Loyola. São Paulo, 2007. p. 15 - 69 Disponível em: <<https://escrevivencia.files.wordpress.com/2014/03/marcos-bagno-preconceito-lingc3bcc3adstico.pdf>>. Acesso em: 10/09/2015.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm>. Acesso em: 12/09/2015.

_____. *Lei de Diretrizes de Base de 1996*. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.sinprodf.org.br/conheca-o-projeto-politico-pedagogico-professor-carlos-mota/>. Acesso em: 15/09/2015.

_____. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE*. Disponível em: <<http://www.anuariodof.com.br/site/wp-content/uploads/2014/01/anuario2013.pdf>>. Acesso em 09/09/2015.

_____. Ministério da Educação e Ciência. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica Decreto nº 5.840/2006. *Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA)*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_medio.pdf>. Acesso em 12/09/2015.

_____. Ministério da Educação e Ciência. Conselho Nacional de Educação. *Parecer 11/2000, do CNE, das Diretrizes Curriculares Nacionais*. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 06/09/2015.

_____. Ministério da Educação e Ciência. Conselho Nacional de Educação. *Resolução 1/2000, do Conselho Nacional de Educação - CNE*. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 06/09/2015.

_____. Ministério da Educação e Ciência. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CEB nº 2/2010*. Dispõe sobre a EJA para os indivíduos privados de liberdade. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 06/09/2015.

_____. Ministério da Educação e Ciência. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CEB 3/2010, de 15 de junho de 2010*. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 06/09/2015.

_____. Ministério da Educação e Ciência. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Câmara da Educação Básica. Documento Base Nacional *Preparatório a VI Confinteia, 2008*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_medio.pdf>. Acesso em: 12/09/2015.

DEFANTI, Angelo. *Bom Dia, Meu Nome é Sheila*. (Vídeo). Produção de Angelo Defanti e Daniela Santos. Rio de Janeiro. 2008. Cavideos Produções. Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=bom_dia_meu_nome_e_sheila>. Acesso em: 10/09/2015.

DISTRITO FEDERAL. *Companhia de Desenvolvimento do Planalto - CODEPLAN* – Disponível em: (<http://www.bsbcapital.com.br/codeplan-divulga-dados-atualizados-do-paranoa/>). Acesso em: 15/09/2015.

_____. Secretaria de estado de Educação do Distrito Federal. *Projeto Político Pedagógico Carlos Mota*. Caderno sete. Disponível em: (<http://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/06/ppp-professor-carlos-mota.pdf>, p. 83-86). Acesso em: 06/09/2015.

ENGELS, Friedrich. *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. 1876. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>>. Acesso em: 15/09/2015.

FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. Recife: Universidade Federal do Recife, 1959. P. 128. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo7/417.pdf>> Acesso em: 10/09/2015

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>>. Acesso em: 15/09/2015.

_____ & PAPERT. *O futuro da escola*. São Paulo: TV PUC, 1996. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simp%C3%B3sio%20Academico%202007/Trabalhos%20Completo/Trabalhos/PDF/64%20Sonia%20Augusta%20de%20Moraes.pdf>>. Acesso em: 15/09/2015.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). *Olhares sobre a Cibercultura*. Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andreleamos/cibercultura.pdf>>. Acesso em: 11/11/2015.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: 34, 200. 8ª, p 161, et al. *As tecnologias da informação e comunicação na relação com a gestão estratégica escolar: uma análise segundo Pierre Lévy*. Deucyr João Breitenbach. Acesso em: 11/11/2015.

NAKACHE, Olivier; OLEDANO, Éric T. *Amigos Improváveis*. (Filme). Olivier Nakache, Éric Toledano. 2011. 112 min. Música: Ludovico Einaudi. Comédia dramática baseada no livro autobiográfico "Le Second Soufflé", escrito por Philippe Pozzo di Borgo. Disponível em: <http://cinecartaz.publico.pt/Filme/301024_amigos-improvaveis>. Acesso em 09/09/2015.

PINTO, Marta Pontes. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.real-de-34-na-renda-dos-moradores-do-parano%C3%A1-entre-2011-e-2013.html>>. Acesso em: 04/10/15.

SANT'ANNA, Ilza Martins. *Por que avaliar?: Como avaliar?: Critérios e instrumentos*. 3ª Edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/510_223.pdf>. Acesso em: 15/09/2015.

SOUSA, Francisco Rodrigo Cunha de. *EaD: Cibercultura, Tecnologias Educacionais e Educação*. 2014. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/ead-cibercultura-tecnologias-educacionais-educacao.htm>>. Acesso em 20/09/2015.

UNESCO, *Educação, um tesouro a descobrir*, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>. Acesso em: 15/09/2015.

TENDLER, Sílvio. *Encontro com Milton Santos: O mundo Global Visto do Lado de Cá*. 90 min. Sílvio Tandler, 2006. (Vídeo). Sílvio Tandler. Caliban Produções Cinematograficas Ltda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM>. Acesso em: 10/09/2015.

13 - Anexos e Apêndices:

Anexo 1

Material necessário

- Filme: "Amigos Improváveis", Duração: 112 minutos.
- Textos e gravuras

Disponíveis em:

Coletânea de Memórias Literárias da Olimpíada,

<<http://praticandogenerostextuaisnaescola.blogspot.com.br/p/coletanea-de-memorias-literarias-da.html>>. Acesso em 19/10/2015.

Disponível em: Marta Pontes Pinto. Disponível em:
<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=54949>. Acesso em:
12/08/2015.

O QUE SÃO MEMÓRIAS LITERÁRIAS?

DEFINIÇÃO DE MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Memórias são textos produzidos para rememorar o passado, vivido ou imaginado. Para isso, as palavras devem ser escolhidas com cuidado, orientados por critérios estéticos que atribuem ao texto ritmo e conduzem o leitor por cenários e situações reais ou imaginárias. Essas narrativas têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor no passado, contadas como são lembradas no presente. Há situações em que a memória se apresenta por meio de perguntas que fazemos ou que fazem para nós. Em outras, a memória é despertada por uma imagem, um cheiro, um som.

NARRATIVA

Esse tipo de narrativa aproxima os ausentes, compreende o passado, conhece outros modos de viver, outros jeitos de falar, outras formas de se comportar e representa possibilidades de entrelaçar novas vidas com as heranças deixadas pelas gerações anteriores. As histórias passadas podem unir moradores de um mesmo lugar e fazer que cada um sinta-se parte de uma mesma comunidade. Isso porque a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence. Esse encontro é uma experiência humanizadora.

USO DOS VERBOS NAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS

O autor de memórias literárias usa os verbos para marcar um tempo do passado: pretérito perfeito e pretérito imperfeito. Eles indicam ações e têm a propriedade de localizar o fato no tempo, em relação ao momento em que se fala

NARRADOR PERSONAGEM E NARRADOR TESTEMUNHA

O narrador em primeira pessoa é o narrador-personagem ou narrador-testemunha. No caso de memórias temos, geralmente, o narrador-personagem, que tem por característica se apresentar e se manifestar como eu e fala a respeito daquilo que viveu. Conta a história dele sempre de forma parcial, considerando um único ponto de vista: o dele.

Disponíveis em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=54773>>. Acesso em 17/10/2015.

TEXTO 2

Parecida mas diferente

Zélia Gattai

O pai de Zélia Gattai costumava contar a história de como sua família havia vindo da Itália para o Brasil. Uma vez, quando ele narrava a viagem dos Gattai - que era o nome da família de seu pai -, Zélia, então menina, observou que Eugênio, seu avô materno, escutava atentamente. Então, pediu a ele que também contasse a história da família da mãe, os Da Col.

Vovô veio da Itália com toda a família, contratado como colono para colher café numa fazenda em Cândido Mota, em São Paulo. Nona Pina passou a viagem toda rezando, pedindo a Deus que permitisse chegarem com vida em terra. Tinha verdadeiro pavor de que um dos seus pudesse morrer em alto-mar e fosse atirado aos peixes. Carolina ressentiu-se muito da viagem, estranhou a alimentação pesada do navio, adoeceu, mas desembarcaram todos vivos no porto de Santos.

A família fora contratada por intermédio de compatriotas do Cadore, chegados antes ao Brasil. Diziam viver satisfeitos aqui e entusiasmavam os de lá através de cartas tentadoras: "Venham! O Brasil é a terra do futuro, a terra da 'cucagna'... pagam bom dinheiro aos colonos, facilitam a viagem..."

Com os Da Col, no mesmo navio, viajaram outras famílias da região, todos na mesma esperança de vida melhor nesse país promissor. Viajaram já contratados, a subsistência garantida.

Em Santos, eram aguardados por gente da fazenda, para a qual foram transportados, comprimidos como gado num vagão de carga.

Ao chegar à fazenda, Eugênio Da Col deu-se conta, em seguida, de que não existia ali aquela "cucagna", aquela fartura tão propalada. Tudo que ele idealizara não passava de fantasia; as informações recebidas não correspondiam à realidade: o que havia, isto sim, era trabalho árduo e estafante, começando antes do nascer do sol; homens e crianças cumpriam o mesmo horário de serviço. Colhiam café debaixo de sol ardente, os três filhos mais velhos os acompanhando, sob a vigilância de um capataz odioso. Vivendo em condições precárias, ganhavam o suficiente para não morrer de fome.

A escravidão já fora abolida no Brasil, havia tempos, mas nas fazendas de café seu ranço perdurava.

Notificados, certa vez, de que deviam reunir-se, à hora do almoço, para não perder tempo de trabalho, junto a uma frondosa árvore, ao chegar ao local marcado para o encontro os colonos se depararam com um quadro deprimente: um trabalhador negro amarrado à árvore. A princípio, Eugênio Da Col não entendeu nada do que estava acontecendo, nem do que ia acontecer, até divisar o capataz que vinha se chegando, chicote na mão. Seria possível, uma coisa daquelas? Tinham sido convocados, então, para assistir ao espancamento do homem? Não houve explicações. Para quê? Estava claro: os novatos deviam aprender como se comportar; quem não andasse na linha, não obedecesse cegamente ao capataz, receberia a mesma recompensa que o negro ia receber. Um exemplo para não ser esquecido.

O negro amarrado, suando, esperava a punição que não devia tardar; todos o fitavam, calados.

De repente, o capataz levantou o braço, a larga tira de couro no ar, pronta para o castigo. Então era aquilo mesmo? Revoltado, cego de indignação, o jovem colono Eugênio Da Col não resistiu; não seria ele quem presenciaria impassível ato tão covarde e selvagem.

Impossível conter-se!

Com um rápido salto, atirou-se sobre o carrasco, arrebatando-lhe o látigo das mãos.

Apanhado de surpresa, diante da ousadia do italiano, perplexo, o capataz acovardou-se.

O chicote, sua arma, sua defesa a garantir-lhe a valentia, estava em poder do "carcamano"; valeria a pena reagir? Revoltado, fora de si, esbravejando contra o capataz em seu dialeto dos Montes Dolomitas, o rebelde pedia aos companheiros que se unissem para defender o negro. Todos o miravam calados. Será que não compreendiam suas palavras, seus gestos? Certamente sim, mas ninguém se atrevia a tomar uma atitude frontal de revolta. Católico convicto, ele fazia o que lhe ditava o coração, o que lhe aconselhavam os princípios cristãos...

De repente, como num passe de mágica, o negro viu-se livre das cordas que o prendiam à árvore. O capataz apavorou-se. Quem teria desatado os nós. Quem teria?

O topetudo não fora, estava ali em sua frente, gesticulando, gritando frases incompreensíveis, ameaçador, de chicote em punho... O melhor era desaparecer o quanto antes, rapidamente: "esses brutos poderiam reagir contra ele. A prudência mandava não facilitar".

Nessa mesma tarde, a família Da Col foi posta na estrada, porteira trancada para "esses rebeldes imundos". Estavam despedidos. Nem pagaram o que lhes deviam. "Precisavam ressarcir-se do custo do transporte de Santos até a fazenda..." E fim.

Pela estrada deserta e infinita, seguiu a família, levando as trouxas de roupas e alguns pertences que puderam carregar, além da honradez, da coragem e da fé em Deus.

Anarquistas, graças a Deus. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

Viver para contar
Gabriel García Marquez

Até a adolescência, a memória tem mais interesse no futuro que no passado, e por isso minhas lembranças da cidadezinha ainda não estavam idealizadas pela nostalgia. Eu me lembrava de como ela era: um bom lugar para se viver, onde todo mundo conhecia todo mundo, na beira de um rio de águas diáfanas que se precipitavam num leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. Ao entardecer, sobretudo em dezembro, quando passavam as chuvas e o ar tomava-se de diamante, a Serra Nevada de Santa Marta parecia aproximar-se com seus picos brancos até as plantações de banana, lá na margem oposta. Dali dava para ver os índios aruhacos correndo feito formiguinhas enfileiradas pelos parapeitos da serra [...]. Nós, meninos, tínhamos então a ilusão de fazer bolas com as neves perpétuas e brincar de guerra nas ruas abrasadoras. Pois o calor era tão inverossímil, sobretudo durante a sesta, que os adultos se queixavam dele como se fosse uma surpresa a cada dia. Desde o meu nascimento ouvi repetir, sem descanso, que as vias do trem de ferro e os acampamentos da United Fruit Company foram construídos de noite, porque de dia era impossível pegar nas ferramentas aquecidas pelo sol.

Gabriel García Marquez. Viver para contar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Texto 4

Minha vida de menina

Helena Morley

Quarta-feira, 28 de agosto (de 1895).

Faço hoje quinze anos. Que aniversário triste!

Vovó chamou-me cedo, ansiada como está, coitadinha, e deu-me um vestido. Beijou-me e disse: "Sei que você vai ser sempre feliz, minha filhinha, e que nunca se esquecerá de sua avozinha que lhe quer tanto". As lágrimas lhe correram pelo rosto abaixo e eu larguei dos braços dela e vim desengasgar-me aqui no meu quarto, chorando escondida.

Como eu sofro de ver que mesmo na cama, pensando com está, vovó não se esquece de mim e de meus deveres e que eu não fui o que devia ter sido para ela! Mas juro por tudo, aqui nesta hora, que vovó melhorando eu serei um anjo para ela e me dedicarei a esta avozinha tão boa e que me quer tanto.

Vou agora entrar no quarto para vê-la e já sei o que ela vai me dizer. "Já estudou suas lições? Então vá se deitar, mas procure antes alguma coisa para comer. Vá com Deus".

Minha vida de menina. São Paulo: Companhia das Letras, 1942.

Por parte de pai

Bartolomeu Campos Queirós

Minha cama ficava no fundo do quarto. Pelas frestas da janela soprava um vento resmungando, cochichando, esfriando meus pensamentos, anunciando fantasmas. As roupas, dependuradas em cabides na parede, se transfiguravam em monstros e sombras. Deitado, enrolado, parado imóvel, eu lia recado em cada mancha, em cada dobra, em cada sinal. O barulho do colchão de palha me arranhava. O escuro apertava minha garganta, roubava meu ar. O fio da luz terminava amarrado na cabeceira do catre. O medo assim maior do que o quarto me levava a apertar a pera de galalite e acender a luz, enfeitada com papel crepom. O claro me devolvia as coisas em seus tamanhos verdadeiros. O nariz do monstro era o cabo do guarda-chuva, o rabo do demônio o cinto do meu avô, o gigante, a capa "Ideal" cinza para os dias de chuva e frio. Então, procurava distrair meu pavor decifrando os escritos na parede, no canto da cama, tão perto de mim. Mas era minha a dificuldade de acomodar as coisas dentro de mim. Sobrava sempre um pedaço...

Por parte de pai. Belo Horizonte: RHJ, 1995.

Galinha ao molho pardo

Fernando Sabino

Ao chegar da escola, dei com a novidade: uma galinha no quintal.

O quintal de nossa casa era grande, mas não tinha galinheiro, como quase toda casa de Belo Horizonte naquele tempo. Tinha era uma porção de árvores: um pé de manga sapatinho, outro de manga coração-de-boi, um pé de gabioba, um pé de goiaba branca, outro de goiaba vermelha, um pé de abacate e até um pé de fruta-de-conde. [...] De um lado o barracão com o quarto da Alzira cozinheira e um quartinho de despejo. Do outro lado, uma caixa de madeira grande como um canteiro, cheia de areia que papai botou lá para nós brincarmos. [...]

Pois no fundo do quintal que eu vi a galinha, toda folgada, ciscando na caixa de areia. Havia sido comprada por minha mãe para o almoço de domingo: Dr. Junqueira ia almoçar em casa e ela resolveu fazer galinha ao molho pardo.

Eu já tinha visto a Alzira matar galinha, uma coisa terrível. Agarrava a coitada pelo pescoço, agachava, apertava o corpo dela entre os joelhos, torcia com a mão esquerda a cabecinha assim para um lado, e com a direita, zapt! passava o facão afiado, abrindo um talho no gogó. O sangue esguichava longe. Ela aparava logo o esguicho com uma bacia, deixando que escorresse ali dentro até acabar. E a bichinha ainda viva, estrebuchando nas mãos da malvada.

Como se fosse a coisa mais natural deste mundo, a Alzira me contou o que ia acontecer com a nova galinha.

Revoltado, resolvi salvá-la.

Eu sabia que o Dr. Junqueira era importante, meu pai dependia dele para uns negócios. Pois no que dependesse de mim, no domingo ele ia poder comer tudo, menos galinha ao molho pardo.

Era uma galinha branca e gorda, que não me deu muito trabalho para pegar. Foi só correr atrás dela um pouco, ficou logo cansada. Agachou-se no canto do muro, me olhou de lado como as galinhas olham e se deixou apanhar.

Não sei se percebeu que eu não ia lhe fazer mal. Pelo contrário, eu pretendia salvar a sua vida. O certo é que em poucos minutos ficou minha amiga, não fugiu mais de mim.

— O seu nome é Fernanda — falei então. [...]

— Vou esconder você num lugar que ninguém é capaz de descobrir.

Junto do tanque de lavar roupa costumava ficar uma bacia grande de enxaguar. A Maria lavadeira só ia voltar na segunda-feira. Antes disso ninguém ia mexer naquela bacia. Assim que escureceu, escondi a Fernanda debaixo dela.

[...] Na manhã de domingo me levantei bem cedo e fui dar uma espiada na Fernanda.

[...] Lá do fundo escuro do porão, onde tinha ido me esconder, vi a Alzira olhar ao redor:

— Por falar nisso, onde é que se meteu a galinha? [...]

— Você não estava brincando com ela ontem, menino?

— Isso foi ontem. Hoje eu não vi ela ainda.

— Será que fugiu? Ou alguém roubou? [...]

Agarrei a ideia no ar, era a salvação:

— Isso mesmo! Quando eu estava ali no quintal vi um homem passar correndo... Levava uma coisa escondida embaixo do paletó. Só podia ser a galinha.

A Alzira não parecia acreditar muito na história. Pelo contrário, ficou mais desconfiada.

A saga da Nhecolândia
Roberto de Oliveira Campos

Surgiu então a Nhecolândia, cujas peripécias eu ouvia, fascinado, como criança, nos serões à luz do lampião, defendendo-me dos mosquitos, pólvoras e as mutucas na Fazenda Alegria.

[...]

Meu avô, Vicente Alexandre de Campos, ali se instalou para fundar uma fazenda — o retiro Paraíso. As terras baixas da Nhecolândia, nome dado em homenagem ao desbravador, abrangiam cerca de 23,5 mil quilômetros quadrados, mais de um sexto dos 140 mil quilômetros quadrados que constituem o Pantanal mato-grossense. Nheco comandou o que, por assim dizer, se poderia chamar uma grande operação comunitária, fazendo doações de terras aos que se animassem a participar da rude aventura.

[...]

Na minha ótica de primeira infância, o Pantanal me parecia mais perigoso que belo. Tinha medo de cobras (a jararaca, a cascavel e a sucuri) e das onças (parda e pintada), então abundantes nas várzeas e capões. A suprema forma de coragem era a caçada de onça com zagaia. Também levava o susto da piranha, quando entrei desprevenido na baía adjacente à Fazenda Alegria. Quase perdi o dedão do pé direito. Era infemal o incômodo dos mosquitos, os pólvoras e as mutucas. Nas longas viagens de carros de boi, comia-se carne-seca e farinha de mandioca, ou assava-se um pacu pescado no rio. Bebia-se de manhã o “tererê”, o guaraná ralado em língua de pirarucu. De vez em quando se matava um boi para o churrasco. O pacu era o peixe favorito e democrático, pois de fácil pesca.

— Pacuzão para os ricos, pacuzinho para os pobres, pacu pra nós todos, era o refrão dos vaqueiros.

As bebidas eram o guaraná ralado e o indefectível chimarrão.

[...]

As belezas do Pantanal, com seus corixos, baías e várzeas, que no começo das chuvas pareciam jardins formais, com riqueza de flora e fauna, só entrariam na minha percepção trinta anos mais tarde, quando voltei, como superintendente do BNDE, ciceroneando uma turma de banqueiros do Eximbank, de Washington.

A lanterna na popa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

Por parte de pai - 2

Bartolomeu Campos Queirós

Debruçado na janela meu avô espreitava a rua da Paciência, inclinada e estreita. Nascia lá em cima, entre casas miúdas e se espichava preguiçosa, morro abaixo. Morria depois da curva, num largo com sapataria, armazém, armarinho, farmácia, igreja, tudo perto da escola Maria Tangará, no Alto de São Francisco.

[...] Eu brincava na rua, procurando o além dos olhos, entre pedras redondas e irregulares calçando a rua da Paciência. Depois das chuvas, essas pedras centenárias, cinza, ficavam lisas e limpas, cercadas de umidade e areia lavada. Nas enxurradas desciam lascas de malacheta brilhando como ouro e prata, conforme a luz do sol.

[...] Meu avô, pela janela, me vigiava ou abençoava, até hoje não sei, com seu olhar espantado de quem vê cada coisa pela primeira vez. E aqueles que por ali passavam lhe cumprimentavam: "Oi, seu Queirós". Ele respondia e rimava: "Tem dó de nós". Minha avó, assentada na sala, fazendo bico de crochê em pano de prato, não via a rua.

[...] O café, colhido no quintal da casa, dava para o ano todo, gabava meu avô, espalhando a colheita pelo chão de terreiro, para secar. O quintal se estendia para muito depois do olhar, acordando surpresa em cada sombra. Torrado em panela de ferro, o café era moído preso no portal da cozinha. O café do bule era grosso e forte, o da cafeteira, fraco e doce. Um para adultos e outro para crianças. O aroma do café se espalhava pela casa, despertando a vontade de mastigar queijo, saborear bolo de fubá, comer biscoito de polvilho, assado em forno de cupim.

[...] Minha avó, coado o café, deixava o bule e a cafeteira sobre a mesa forrada com toalha de ponto cruz, e esperava as quitadeiras.

Tudo se comprava na porta: verduras, leite, doces, pães. Com a cademeta do armazém comprava-se o que não podia ser plantado em casa. No final do mês, ao pagar a conta ganhava-se uma lata de marmelada.

Depois do cafezal, na divisa com a serra, corria o córrego, fino e transparente. Tomávamos banho pelados, até a ponta dos dedos ficarem enrugadas. Meu avô raras vezes, nos fazia companhia.

[...] Meu avô conhecia o nome de todas as frutas. Na hora de voltar, ele trazia, se equilibrando pelos caminhos, uma lata de areia para minha avó arear as panelas de ferro.

[...] Atrás da horta havia chiqueiro onde três ou quatro porcos dormiam e comiam, sem desconfiar do futuro. Se eu fosse porco não engordava nunca, imaginava. Ia passar fome, fazer regime, para continuar vivendo.

[...] Meu avô convidou, naquela tarde, para me assentar ao seu lado nesse banco cansado. Pegou minha mão e, sem tirar os olhos do horizonte, me contou:

O tempo tem uma boca imensa. Com sua boca do tamanho da eternidade ele vai devorando tudo, sem piedade. O tempo não tem pena. Mastiga rios, árvores, crepúsculos. Tritura os dias, as noites, o sol, a lua, as estrelas. Ele é o dono de tudo. Pacientemente ele engole todas as coisas, degustando nuvens, chuvas, terras, lavouras. Ele consome as histórias e saboreia os amores. Nada fica para depois do tempo.

As madrugadas, os sonhos, as decisões, duram na boca do tempo. Sua garganta traga as estações, os milênios, o ocidente, o oriente, tudo sem retomo. E nós, meu neto, marchamos em direção à boca do tempo.

Meu avô foi abaixando a cabeça e seus olhos tocaram em nossas mãos entrelaçadas. Eu achei serem pingos de chuva as gotas rolando sobre meus dedos, mas a noite estava clara, como tudo mais. (Por parte de pai. Belo Horizonte: RHJ, 1995.)

Meus tempos de criança

Rostand Paraíso

Pulávamos os muros e ganhávamos os quintais das casas vizinhas, enormes e cheias de fruteiras e de toda a sorte de animais, gatos, cachorros, galinhas, patos, marrecos e outros mais. Chupando mangas, gostosas mangas, mangas-espada, mangas-rosa e manguitos, esses quase sempre os mais saborosos, dividíamos os times e organizávamos as peladas de fundo de quintal que exigiam grande malabarismo de nossa parte, com as frondosas árvores para driblar e grandes irregularidades no terreno para contornar.

Usávamos “bolas de meias”, preparadas por nós mesmos com papel de jornal compactado e colocado dentro de uma meia de mulher, mas já começávamos a usar bolas de borrachas e as “bolas-de-pito”, que eram bolas de couro, com pito para fora e que tínhamos o cuidado de envergar para dentro, para evitar arranhaduras.

Gostosas, memoráveis tardes que se prolongavam até a noitinha, parando-se apenas quando não havia mais sol e quando não podíamos mais ignorar os gritos que vinham de nossa casa, para tomar banho, mudar de roupa e ir jantar.

As mesmas misteriosas ordens faziam-nos começar a desengavetar nossos times de botão para a temporada que iria se iniciar. Os botões eram polidos e engraxados.

Descobríamos, nos botões das capas e dos jaquetões e, também, nas tampas de remédios, promissores craques. Nossos pais começavam a estranhar, sem encontrar qualquer explicação para o fato, o desaparecimento das tampas dos xaropes e dos botões das roupas. Esses craques em potencial, novos valores que surgiam, eram devidamente preparados e passávamos dias a lixá-los e, para lhes dar mais peso e maior aderência à mesa, a enchê-los com parafina derretida. Trabalho que levava às vezes algumas semanas, os novos craques sendo testados exaustivamente até que nos déssemos por satisfeitos e os considerássemos prontos e aprovados para as grandes competições pela frente.

Os botões de chifre, preparados pelos presos da Casa de Detenção, onde íamos comprá-los, começavam, pela sua robustez e pela potência de seus chutes, a ganhar nossa preferência. Não gostávamos, porém, daqueles botões que vinham do Sul, de plástico, todos iguais, diferenciando-se uns dos outros apenas pelas “camisas” que traziam coladas sobre si, com as cores dos clubes cariocas. Preferíamos, nós mesmos, pregar as cores do nosso time preferido, no meu caso o Santa Cruz.

Cada botão ganhava seu nome, Perácio, Leônidas, Patesko, Pitota, Sidinho, Siduca... botões que já não tenho mais, desaparecidos misteriosamente ao longo do tempo. Meu ponta-esquerda, Tarzan, que tantas alegrias me deu, com suas arrancadas para o campo adversário e com seus mirabolantes gols, que fim terá levado?

Preferíamos usar as bolas de farinha, arredondadas cuidadosamente na palma da mão e que permitiam um bom controle, correndo menos que as de miolo de pão e não tanto quanto as de borracha.

Dentro daquelas regras que adotávamos e que permitiam que continuássemos a jogar enquanto não perdêssemos o controle da bola, éramos obrigados, quando nos sentíamos em condições de tentar o chute a gol, a avisar o adversário: “Defenda-se!” ou “Prepare-se!”, dando tempo a que ele posicionasse melhor o seu goleiro e puxasse, para junto dele, os beques, geralmente bem altos, com a finalidade de dificultar o chute rasteiro.

As partidas eram irradiadas por um de nós, ao estilo de José Renato, o famoso locutor esportivo da PRA-8, e os gols, quando convertidos, eram gritados histericamente, incomodando toda a vizinhança. (Antes que o tempo apague... 2ª ed. Recife: Editora Comunicarte, 1996.)

Os automóveis invadem a cidade

Zélia Gattai

Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros, desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de 20 quilômetros à hora, velocidade permitida somente nas estradas. Fora esse detalhe, o do trânsito, a cidade crescia mansamente. Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o "Prédio Martinelli" - arranha-céu pioneiro em São Paulo, se não me engano do Brasil - fora ainda construído. Não existia rádio, e televisão, nem em sonhos. Não se curtia som em aparelhos de alta-fidelidade. Ouvia-se música em gramofones de tromba e manivela. Havia tempo para tudo, ninguém se afobava, ninguém andava depressa. Não se abreviavam com siglas os nomes completos das pessoas e das coisas em geral. Para que isso? Por que o uso de siglas? Podia-se dizer e ler tranquilamente tudo, por mais longo que fosse o nome por extenso - sem criar equívocos - e ainda sobrava tempo para ênfase, se necessário fosse.

Os divertimentos, existentes então, acessíveis a uma família de poucos recursos como a nossa, eram poucos. Os valores daqueles idos, comparados aos de hoje, no entanto, eram outros; as mais mínimas coisas, os menores acontecimentos, tomavam corpo, adquiriam enorme importância. Nossa vida simples era rica, alegre e sadia. A imaginação voando solta, transformando tudo em festa, nenhuma barreira a impedir meus sonhos, o riso aberto e franco. Os divertimentos, como já disse, eram poucos, porém suficientes para encher o nosso mundo.

Anarquistas, graças a Deus. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

O Lavador de Pedra

Manoel de Barros

A gente morava no patrimônio de Pedra Lisa. Pedra Lisa era um arruado de 13 casas e o rio por detrás. Pelo arruado passavam comitivas de boiadeiros e muitos andarilhos. Meu avô botou uma Venda no arruado. Vendia toucinho, freios, arroz, rapadura e tais. Os mantimentos que os boiadeiros compravam de passagem. Atrás da Venda estava o rio. E uma pedra que aflorava no meio do rio. Meu avô, de tardezinha, ia lavar a pedra onde as garças pousavam e cacaravam. Na pedra não crescia nem musgo. Porque o cuspe das garças tem um ácido que mata no nascedouro qualquer espécie de planta. Meu avô ganhou o desnome de Lavador de Pedra. Porque toda tarde ele ia lavar aquela pedra.

A Venda ficou no tempo abandonada. Que nem uma cama ficasse abandonada. É que os boiadeiros agora faziam atalhos por outras estradas. A Venda por isso ficou no abandono de morrer. Pelo arruado só passavam agora os andarilhos. E os andarilhos paravam sempre para uma prosa com o meu avô. E para dividir a vianda que a mãe mandava para ele. Agora o avô morava na porta da Venda, debaixo de um pé de jatobá. Dali ele via os meninos rodando arcos de barril ao modo que bicicleta. Via os meninos em cavalo de pau correndo ao modo que montados em ema. Via os meninos que jogavam bola de meia ao modo que de couro. E corriam velozes pelo arruado ao modo que tivessem comido canela de cachorro. Tudo isso mais os passarinhos e os andarilhos era paisagem do meu avô. Chegou que ele disse uma vez: Os andarilhos, as crianças e os passarinhos têm o dom de ser poesia. Dom de ser poesia é muito bom!

Memórias inventadas: a infância. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

Imagens



Imagem 1: Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=amizade+verdadeira&biw=1024&bih=667&source=Inms&tbn=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI65KFrDXRyAIVRJoeCh3TCA5f#tbn=isch&q=amizade+&imgrc=2oXp9vTpbz2ppM%3A. Acesso em: 19/10/2015.



Imagem 2. Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=amizade+verdadeira&biw=1024&bih=667&source=Inms&tbn=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI65KFrDXRyAIVRJoeCh3TCA5f#tbn=isch&q=amizade+&imgrc=2oXp9vTpbz2ppM%3A. Acesso em: 19/10/2015.



Imagem 3. Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=amizade+verdadeira&biw=1024&bih=667&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI65KFrDXRyAIVRJoeCh3TCA5f#tbm=isch&q=amizade+&imgcr=2oXp9Vtpbz2ppM%3A. Acesso em: 19/10/2015.



Imagem 4. Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=amizade+verdadeira&biw=1024&bih=667&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI65KFrDXRyAIVRJoeCh3TCA5f#tbm=isch&q=amizade+&imgcr=2oXp9Vtpbz2ppM%3A. Acesso em: 19/10/2015.



Imagem 5. Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=amizade+verdadeira&biw=1024&bih=667&source=Inms&tbn=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI65KFrDXRyAIVRJoeCh3TCA5f#tbn=isch&q=amizade+&imgrc=2oXp9VTpbz2ppM%3A. Acesso em: 19/10/2015.



Imagem 6. Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=amizade+verdadeira&biw=1024&bih=667&source=Inms&tbn=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI65KFrDXRyAIVRJoeCh3TCA5f#tbn=isch&q=amizade+&imgrc=2oXp9VTpbz2ppM%3A. Acesso em: 19/10/2015.

Apêndice 1

Tabela de avaliação

Nome: _____ Turma: _____ Data: _____

	Avaliação	Ótimo	Bom	Regular
1	Interesse do aluno na leitura e escrita			
2	O desenvolvimento dos alunos no uso das tecnologias e troca de informações,			
3	Na participação das atividades e nos trabalhos coletivos, no senso crítico,			
4	Na colaboração e articulação,			
5	Na produção e apresentação dos trabalhos orais e escritos.			
6	Participação contributiva nas discussões;			
7	Assiduidade;			
8	Postura ética;			
9	Relacionamento interpessoal;			
10	Envolvimento nos trabalhos em grupo;			
11	Estabelecimento de relações conceituais, argumentação consistente e coerência teórica;			
12	Criatividade e pontualidade na entrega de trabalhos.			

CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS
E AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO EM DOMÍNIO PÚBLICO
DE TRABALHO ACADÊMICO DE AUTORIA COLETIVA

EU, **SILVANA MARIA MATTIA DICKEL**, brasileira, CPF 372.864.121-91 RG nº 1900844 expedido por SSP/DF, em 29/05/2003, Matrícula no Curso nº 20140211195, residente à SQS 115, Bloco B, Apto 306, Brasília-DF, CEP 70.385-020, pelo presente termo autorizo a Faculdade de Educação-FE da Universidade de Brasília-UnB, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil-UAB, a disponibilizar em domínio público o trabalho de conclusão – Projeto de Intervenção Local (PIL) do III Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos / 2014-2015, do grupo-autor do qual sou parte integrante, intitulado **“O uso das tecnologias de informação e comunicação nas aulas de Língua Portuguesa para o público da EJA: novas formas de ensinar e aprender”**, em papel e/ou meio eletrônico e/ou magnético, cedendo-lhe, a título gratuito, os direitos autorais patrimoniais dele decorrentes para fins de uso acadêmico no âmbito da Rede de Formação na Diversidade e Educação de Jovens e Adultos.

Declaro que a obra cedida é de minha exclusiva autoria e que assumo, portanto, total responsabilidade pela redação e teor do seu conteúdo, incluindo a revisão ortográfica e gramatical.

Autorizo, ainda, a disponibilização em domínio público em quaisquer meios e suportes existentes, inclusive no Portal da FE www.fe.unb.br (UAB-Pós), da UAB na UnB (<http://www.uab.unb.br>), da Biblioteca Central da UnB / Biblioteca Digital de Monografia – BCE/BDM (<http://bdm.unb.br>) e do Programa de extensão- Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos do Brasil (www.forumeja.org.br), e em CD-Rom, bem como a distribuição/disponibilização no âmbito dos alunos e pesquisadores de Educação de Jovens e Adultos.

Por ser verdade, firmo o presente e dou fé.

Brasília, 07 de novembro de 2015.

Silvana Maria Mattia Dickel



IDENTIFICAÇÃO

Autor:		
RG:	CPF:	E-mail:
Telefone:		Celular:
Título:		
Palavras-chave:		
Departamento:		Curso:
Data de apresentação:		

INFORMAÇÃO DE ACESSO AO DOCUMENTO:

Liberção para publicação: () Total () Parcial*

Em caso de publicação parcial, especifique os capítulos a serem retidos: _____

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do arquivo em formato digital da monografia **completa**.

*A restrição poderá ser mantida por até um ano a partir da data de autorização da publicação. A extensão deste prazo suscita justificativa junto a UNB-BCE. O resumo e os metadados ficarão sempre disponibilizados.

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

Os referidos autores:

a) Declaram que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declaram também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declaram que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade de Brasília os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade de Brasília, declaram que cumpriram quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Declaro estar ciente de que as mídias contendo o documento serão descartadas pela BCE após sua inclusão na Biblioteca Digital de Monografias.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos de autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade de Brasília a disponibilizar a obra, gratuitamente, de acordo com a licença pública Creative Commons Licença 3.0 Unported por mim declarada sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial de sua obra?

() Sim () Não

Permitir modificações em sua obra?

() Sim
 () Sim, contanto que outros compartilhem pela mesma licença
 () Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

_____/_____/_____
 Local Data

 Assinatura do Autor